



GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,
Lídia Maria Pires Soares Cardelino (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

o objetivo deste GT é refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

Etnografia no coração da cidade: um estudo sobre as sociabilidades na Feira Central de Campina Grande

Autoria: Deyse Dayane Alves Marques de Luna Freire, Susana Rolim Soares Silva

O presente work tem como objetivo analisar a feira central de Campina Grande a partir das práticas e discursos cotidianos que lhes dão sentido e que, ajudam a construir a memória dos feirantes, fregueses e da própria cidade. Sendo assim, nosso work caminha na direção dos estudos históricos e antropológicos relacionados às feiras livres, que destacam o mercado como espaço de troca, de encontros, de interação e de disputas, de work para alguns e de lazer para outros. Logo, a sociabilidade ocupa um lugar de destaque em nossas análises, sendo vista e pensada como ponto de interseção e, ao mesmo tempo, ponto de partida para pensarmos os usos e discursos produzidos no e a partir do espaço público. É nessa multiplicidade de possibilidades interpretativas que o mercado nos oferece que também se constrói o feirante e o freguês, criadores da dinâmica urbana e do espaço enquanto "lugar" (AUGE, CERTEAU). Tais processos (re)criadores puderam ser observados a partir das várias entrevistas com feirantes e incursões diretas na localidade, escolha metodológica essa que nos possibilitou perceber que, em sua prática diária, no jogo das relações e interações sociais, no labor e nas conversações, o feirante modifica o espaço urbano e, de maneira dialética, também está em constante transformação, tendo que adaptar-se as demandas do mercado, à concorrência, e sobretudo, às necessidades dos frequentadores da feira ou fregueses, que através do ato aparentemente simples de "fazer a feira" e escolher alimentos encobrem uma infinidade de significados que ultrapassam a razão prática (SAHLINS), e que aqui almejamos desvendar.

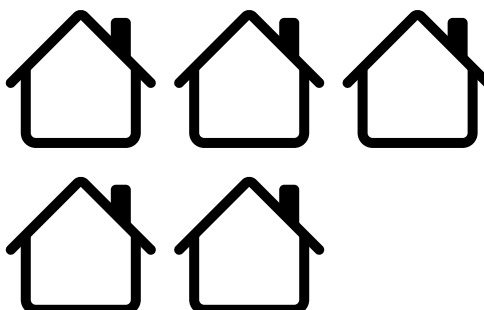
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

